

A infertilidade enigmática (dimensão intergeracional da filiação)

Olga B. Ruiz Correa

Resumo

O trabalho envolve uma reflexão sobre a questão intergeracional da filiação, considerando-se o espaço da transmissão psíquica que legitima ou limita a continuidade geracional. Na infertilidade psicógena, além dos conflitos de identificação com a figura materna, outra das interferências importantes, se referem ao fantasma da interdição parental inconsciente.

Com breves vinhetas clínicas, ilustramos os avatares do desejo de maternidade atravessado, ao mesmo tempo e de forma conflituada, por elementos da transmissão psíquica geracional que envolvem entraves da ordem do apoio narcisista parental e lutos intergeracionais não elaborados. Assinala-se, também, a importância dos diversos pactos, contratos e alianças inconscientes que se situam no centro da intersubjetividade.

A partir da reflexão teórica que solicita o trabalho clínico com casais e pacientes com problemas de esterilidade considerada de origem psicógena avaliamos a importância de revisar a questão, incluindo em particular a problemática da filiação e transmissão psíquica geracional. Esta dimensão tem ficado muito presente seja nos casos de adoção quanto nos processos de procriação medicamente assistida, além dos avanços técnico-clínicos nesta área, a referência ao intergeracional da filiação é sempre relevante na dimensão inconsciente.

A filiação envolve a relação de três gerações sucessivas reconhecidas como tais e uma referência comum a um mito de origem. Nesta dupla condição cada um pode se situar no conjunto familiar e se reconhecer como parte de uma geração legitimando sua capacidade de gerar.

A infertilidade de origem psicógena, configura uma dificuldade de assumir seu lugar na ordem de uma filiação e se perpetuar no espaço de continuidade geracional. Ocupar seu “verdadeiro lugar”, significa muitas vezes na dimensão do fantasma, transgredir uma interdição parental inconsciente e seu sofrimento, o conflito derivado estaria sendo expressado no corpo como depositário de um mandato intergeracional inconsciente.

Na clínica observamos que os laços de filiação entre mãe e filha estão carregados e atravessados de história, às vezes de outras gerações condensados em “não ditos” ou “mal-ditos” que podem pesar como uma maldição (desde tempos remotos a infertilidade tem sido considerada como tal e também assimilada a feitiços)¹. Por outro lado, aparecem frases absorvidas inconscientemente na infância que marcam toda a história pessoal. Nas pacientes com sintoma de infertilidade psicógena às vezes é preciso encontrar uma passagem entre a interdição e a possível identificação materna que possibilitaria ou não o desejo de maternidade. Em alguns casos como os que mencionarei, se trata também de superar uma fidelidade imposta a uma irmã ou irmão desaparecido na infância, detonador de lutos impossíveis e fortes sentimentos de culpa por ter sobrevivido.

Esta questão da assunção da parentalidade está também vinculada a uma dimensão fundamental do indivíduo e do grupo familiar que é o mito das origens incluindo o conceito de contrato narcisista que desenvolvemos mais adiante.

Na história pessoal/ familiar de diversos pacientes, observamos que o projeto de gerar um filho, mobiliza muitas vezes uma história geracional conflitiva nos avatares de legitimar ou interferir uma procriação sem entraves, realizando o desejo de continuidade geracional. Este projeto, assim como outros momentos vitais tal uma ruptura familiar, uma adoção, o decesso de um progenitor etc. são momentos privilegiados para a eclosão de diversos sintomas originados em situações traumáticas através dos quais se revelam as vulnerabilidades na transmissão psíquica geracional que assinalam entraves na permutação de lugares, como no caso que referimos como estando vinculado à assunção da função parental.

A criança desde sua concepção é precedida por uma “reverie” materna antecipadora de um discurso e uma designação de lugares que o precedem. O lugar a ser ocupado pela criança é assim definido a partir de um discurso familiar, aquele da “sombra falada” e dos sonhos parentais. Esta noção é introduzida por Aulagnier (1975) a partir do conceito de violência primária, que a diferencia da secundária é necessária para possibilitar o ingresso do sujeito à

¹ Ruiz Correa, 2000 - O legado familiar - cap.3 - Ed. Contracapa-Rio de Janeiro

ordem do humano, “do momento em que a criança nasce, a mãe vai se projetar sobre seu corpo”.

Nesta perspectiva assinalamos: o investimento narcisista do recém nascido pelos seus pais e o conjunto intersubjetivo no qual o bebê se insere, constituem assim, uma expressão do narcisismo primário e seus derivados, dimensão presente nos contratos e pactos narcisistas.

A noção de contrato, pacto ou aliança, se situam no centro da intersubjetividade e dos diversos vínculos. Desde a referência da psicanálise representam as condições constitutivas do sujeito do inconsciente.

Escolhemos duas vinhetas clínicas que consideramos expressivas da problemática que nos ocupa, e que envolvem o conceito de contrato narcisista (Aulagnier, 1975) definido como um acordo inconsciente entre a criança e seu grupo familiar, a partir dos investimentos recíprocos. Sendo que a criança desde sua vinda ao mundo é requerida para repetir os enunciados dos ancestrais assegurando a continuidade geracional e a identidade familiar. Isto significa que deverá compartilhar e aceitar enunciados de seus ancestrais, às vezes ao custo de sua integridade psíquica e também somática, já que estes enunciados poderam contradizer suas próprias percepções internas e externas. Uma vinheta clínica resumida nos aproxima desta problemática. Renata, é uma moça de 35 anos, pertencente a uma família de tradição judaica, casada pela segunda vez, consulta pelas frustradas tentativas de engravidar “de forma natural” e pelo método de inseminação artificial, “já são três anos de frustração”; expressa na primeira entrevista. Entre os dados de sua história familiar encontramos um luto não elaborado pela mãe em relação a um irmão falecido de uma doença incurável aos 12 anos, fato que é escondido para Renata até seus 5 anos, sendo informada por uma empregada da casa que a foto do bebê com a mãe não era dela como tinham manifestado, mas do irmão desaparecido. Ela é filha tardia, “não esperada” de uma gravidez denegada pela mãe que considera até os 5 meses a falta de menstruação, como indicador da menopausa ainda que tivesse 44 anos Logo após o nascimento da filha, ficou evidente sua dificuldade de contato com a mesma, pela depressão, decorrente do luto patológico, pelo filho mais velho de 10 anos que morre, 3 anos antes do nascimento de Renata. O irmão do meio ficou como

sendo o mais velho especialmente protegido pelo pai. Esta proteção não será suficiente para proibir anos mais tarde sua entrada no lar paterno, ao unir-se com uma moça “goy”.

Renata casou-se inicialmente com um moço da comunidade judaica, união que dura 2 anos, um ano após seu divórcio, casa novamente depois da morte do pai com um homem de outra religião, também divorciado, com quem procura ter um filho. Este projeto se torna frustrante sendo fonte de conflitos do casal, já que mesmo que o marido tivesse dois filhos do casamento precedente e ela isenta de problemas ginecológicos específicos, não consegue engravidar.

Cada sujeito retoma, de certa forma, o discurso do “mito fundador” do grupo, que inclui os ideais e valores de cada cultura familiar e de forma ampla a socio-comunitária. Neste caso lembramos que o pai proíbe seu filho de casar com alguém de outra religião, sendo assim marcada a transgressão pela exclusão do lar paterno, além da interdição edipiana que opera para Renata.

Na articulação de um contrato, alguém se compromete a algo em relação a um outro, em troca de um benefício. O contrato descreve os termos de resolução de um conflito e as condições para isto. Fazemos alusão aos contratos inconscientes e que visam a preservação ou continuidade do vínculo .

A situação edipiana é um meta-organizador de todo vínculo, neste caso, além da dificuldade de identificação com a figura materna no seu desejo de maternidade paira a interdição inconsciente do mandato paterno e a força de um contrato narcisista que obriga a Renata para ocupar o lugar de “um ausente” com risco de “ficar sem lugar” na corrente geracional.

Por outro lado no processo analítico configurou-se também o fantasma pelo qual esse filho tão desejado teria o valor de “presente” para a mãe, já que ela não teria conseguido reparar o “objeto perdido” da mãe.

Outra breve vinheta clínica ilustra a intensidade da representação inconsciente da mistura vida-morte, significando o nascimento, como pré-anúncio de morte catastrófica de algum membro próximo da família, situação repetida em três gerações e que interfere inconscientemente, na realização do desejo de maternidade, junto a dificuldades de identificação com a figura materna envolvida também em um luto patógeno.

Celia, casada 4 anos antes da consulta foi derivada por infertilidade psicógena, no seu histórico de vida acontece também a morte de uma irmã mais nova, com quem tinha 2 anos de diferença . Sua mãe viajava com ela (aos 8 anos) e sua irmã Ana de 6 anos para assistir ao parto da irmã materna no interior do Estado do Rio, ao sofrer um acidente de carro, Ana falece de politraumatismos sendo que os pais e Celia tem contusões menos importantes. A mãe em seu desespero, repetia ‘um que chega outro que vai’ e, mais tarde, Célia vem a conhecer a história de sua bisavó que falece (de gripe espanhola) num navio para a Bahía quando viajava, para acompanhar o nascimento da sua mãe.. Esta frase foi acunhada, aparentemente, pela sua avó. Não é a memória ou o conhecimento destas frases o que importa em especial, mas o sentido ou não sentido que tomam no inconsciente de cada um. Sua mãe por muito tempo não conseguiu sair de seu luto e ficou “diferente” no seu relacionamento com ela. Seu pai ficou mais próximo e comentou que sua mãe continuava triste porque não conseguia engravidar, para “preencher o vazio” .Célia repetia com frequência, a propósito de associações, a sensação de “não existir para sua mãe” e, que muitas vezes tinha tido pesadelos, onde aparecia sua irmãzinha reclamando com ela. Num trabalho, Kaes ², salienta em que medida a imago do irmão morto sustenta no sobrevivente uma fantasmática de onipotência e vitória sobre o rival com a culpa derivada desta situação.

Suas tentativas de engravidar, por inseminação artificial e os sofrimentos pelas manipulações e dosagem hormonal que suportava mal, as considerava como uma provação que tinha que suportar e associava com a desapareção de Ana. Até mesmo tinha imaginado dar esse nome a uma filha caso engravidasse. Sua relação ambivalente com a figura materna, lhe faziam temer (isto ficou claro num sonho) a morte de sua mãe coincidindo com o nascimento de seu filho.

Esta conjunção de fatores traumáticos na história pessoal de pacientes com este tipo de problemática da ordem de esterilidade psicógena; nos alertam para considerar especialmente aspectos da historia inter- transgeracional que são refêridos ao próprio processo de filiação.

² -Um pacto de resistência intergeracional ao luto-(1998) Revista Pulsional-No 14-Ano XI-